

PLATAFORMA

PMS / FMLF	
BIBLIOTECA	
Jornal:	
A Tarde	
Data:	
09/09/11	
Caderno:	Página:
Salvador	A 4
Assunto:	
Bairro	

GEORGE BRITO

Nos últimos oito meses, correspondências com ordens de despejo têm chegado às casas de moradores do bairro de Plataforma, no subúrbio ferroviário, trazendo à tona uma briga que há sete anos espera um ponto final da Justiça.

A população local, cerca de 50 mil habitantes, aguarda o resultado de três ações coletivas de usucapião (posse da terra por mínimo de cinco anos) movidas em 2004 pela Associação de Moradores de Plataforma (Ampla) contra a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia, que alega ser proprietária de direito de grande parte do bairro.

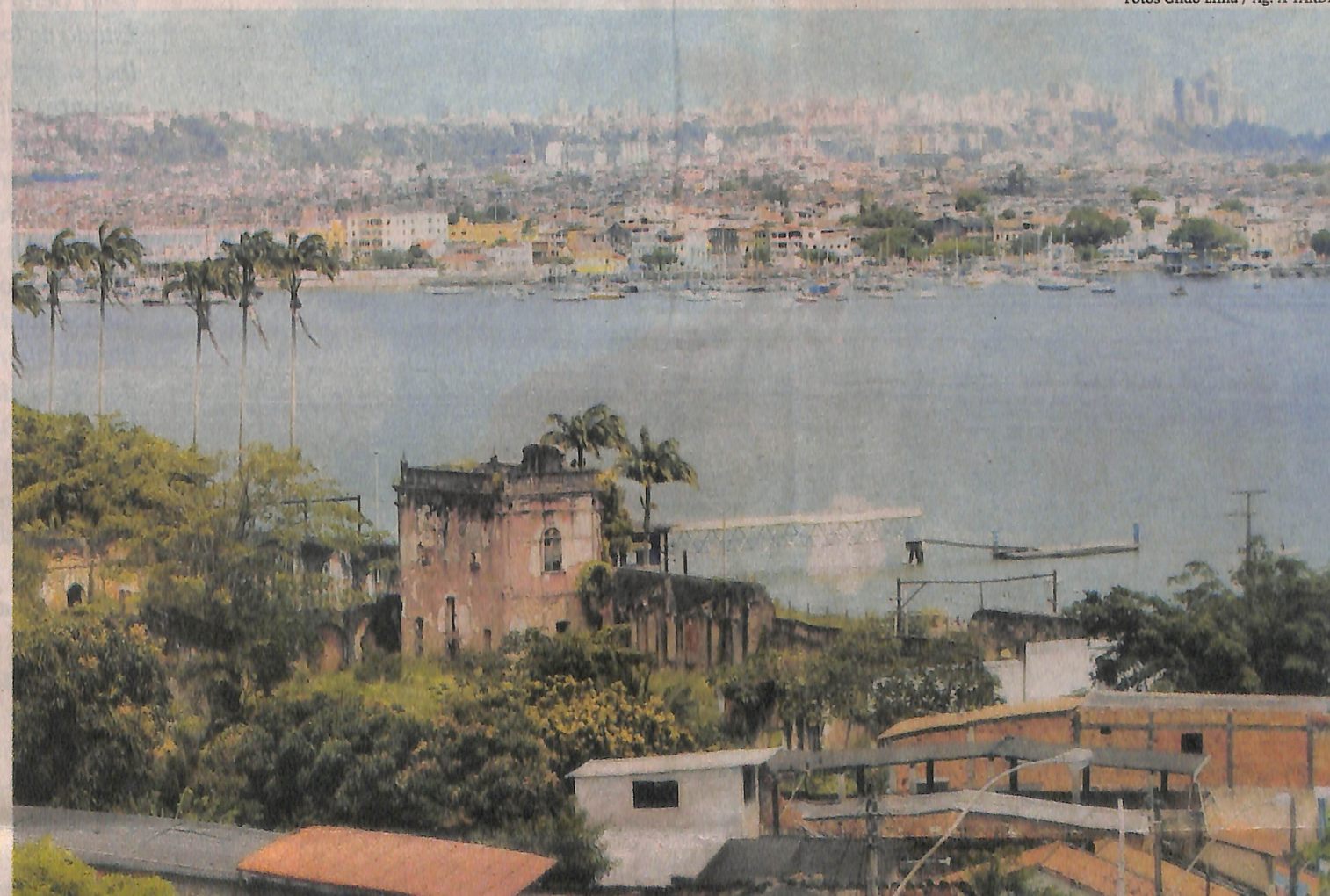
O litígio promete chegar ao governador Jaques Wagner: um abaixo-assinado eletrônico com 468 assinaturas corre pela internet para fundamentar petição pública a ser endereçada ao titular do Palácio de Ondina, solicitando-lhe que intervenha pela regularização fundiária da área e pela revitalização da antiga fábrica de tecidos, atualmente um prédio abandonado em ruínas.

A professora de sociologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba) Antônia Garcia, uma das fundadoras da Ampla, é a autora da petição. "Nosso objetivo é que o governo faça a desapropriação e que a Justiça se posicione", disse. A reportagem não conseguiu falar com o governador, que estava de férias fora do País até o último sábado. 17

PETIÇÃO PÚBLICA Associação de moradores promove abaixo-assinado para pressionar a Justiça e o governo do Estado pela regularização fundiária do bairro

Comunidade disputa com empresa posse de Plataforma

Fotos Gildo Lima / Ag. A TARDE



OS REFERENCIAIS DA HISTÓRIA DE PLATAFORMA

1638 Ano de nascimento do bairro, quando o príncipe holandês, Maurício de Nassau, desembarca na praia. O nome Plataforma surge por causa de uma fortificação do séc. XVI na fazenda de Antônio de Oliveira Carvalhal

1851 O fazendeiro Almeida Brandão, o então dono da fazenda, constrói uma usina têxtil no local

1860 A usina de Almeida Brandão é transformada na Fábrica de Tecido São Braz (Fatbraz), pertencente ao grupo têxtil União Fabril

1875 Bernardo Martins Catharino chega a Salvador e torna-se sócio e diretor-presidente da União Fabril da Bahia

1932 A União Fabril registra em cartório como sua propriedade vasta região que engloba a fazenda de Plataforma. Começa a surgir a vila operária

1977 É fundada a Associação de

lácio de Ondina, solicitando-lhe que intervenha pela regularização fundiária da área e pela revitalização da antiga fábrica de tecidos, atualmente um prédio abandonado em ruínas.

A professora de sociologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba) Antônio Garcia, uma das fundadoras da Ampla, é a autora da petição. "Nosso objetivo é que o governo faça a desapropriação e que a Justiça se posicione", disse. A reportagem não conseguiu falar com o governador, que estava de férias fora do País até o último sábado, 17. Wagner morou em Plataforma na década de 1970.

Mas o secretário de Promoção da Igualdade da Bahia (Sepromi), Elias Sampaio, que tem conversado com representantes da Ampla, afirmou que tem buscado informações para conhecer detalhes da situação. "À luz da lei, vamos negociar para que o terreno volte como equipamento público, de forma a dirimir o conflito e garantir maior acesso à população".

A Procuradoria Geral do Município (PGM) foi procurada durante uma semana, por se tratar de território municipal, mas não se manifestou sobre a questão.

Documentos

Em escritura pública lavrada em 11 de junho de 1996, no 2º Ofício de Notas, a União Fabril registra como de sua propriedade, desde 30 de dezembro de 1932, uma área de 9,14 milhões de m², incluindo os bairros Plataforma e Pirajá. No ínterim de 64 anos, o território perdeu 5,49 milhões



Donos da União Fabril catalogam como de sua propriedade, atualmente, cerca de 80 imóveis e 149 ruas do bairro

pertencente ao grupo têxtil União Fabril

1875 Bernardo Martins Catharino chega a Salvador e torna-se sócio e diretor-presidente da União Fabril da Bahia

1932 A União Fabril registra em cartório como sua propriedade vasta região que engloba a fazenda de Plataforma. Começa a surgir a vila operária

1977 É fundada a Associação de Moradores de Plataforma (Ampla)

1994 Movimento envia abaixo-assinado à Câmara Municipal com 2.760 assinaturas e pede investigação das terras da União Fabril

2004 Associação move ação coletiva de usucapião para garantir posse do imóvel

2011 Associação encaminha processo à Defensoria Pública

FONTE Fundação Pedro Calmon, A TARDE e Ampla



Moradores mantêm casas que formavam a vila operária

Em escritura pública lavrada em 11 de junho de 1996, no 2º Ofício de Notas, a União Fabril registra como de sua propriedade, desde 30 de dezembro de 1932, uma área de 9,14 milhões de m², incluindo os bairros Plataforma e Pirajá. No ínterim de 64 anos, o território perdeu 5,49 milhões de m², já que 3,65 milhões de m² foram doados, vendidos ou desapropriados.

"Doamos os terrenos da escola, da Paróquia São Brás, da delegacia, do posto de saúde. Temos preocupação com as questões sociais do bairro", afirmou um dos dirigentes e proprietários da empresa, Luiz Catharino Filho. A União Fabril cataloga hoje como seus em Plataforma cerca de 80 imóveis e 149 ruas.

Segundo Luiz Catharino, cerca de dois mil moradores do bairro têm junto à companhia entradas em processos de título de posse das casas e 800 têm a escritura em mãos. O empresário também apresentou contratos nos quais a União Fabril fecha acordo com os locatários para pagamento parcelado de dívidas acumuladas. O aluguel do imóvel cobrado hoje varia entre R\$ 80 e R\$ 120.

O advogado José Amando Júnior, que moveu as ações coletivas, argumenta que o documento apresentado pela União Fabril é uma escritura una, que impossibilitaria a cobrança de aluguéis. "Eles não fizeram o loteamento do terreno, então como podem cobrar aluguel?", questiona.

A pedido da Ampla, o processo foi encaminhado à Defensoria Pública, mas ainda não foi protocolado oficialmente, de acordo com a assessoria de comunicação.



Moradores antigos são acusados de invadir a região



Eulina Freitas, 66, diz que não vai abrir mão do imóvel

Ação aponta usucapião especial

Josmar Aécio de Santana, 72 anos, nasceu na casa nº 18 da Rua Úrsula Catharino, em Plataforma, onde mora sozinho desde 2000, após o falecimento da tia Isaura Pinheiro da Silva, aos 84 anos. No dia 20 de janeiro deste ano, uma carta subscrita pelo juiz Benedito dos Santos, da 20ª Vara Cível de Salvador, chegou às suas mãos solicitando que em 15 dias ele se retirasse do imóvel, sob pena de ser removido à força da residência.

"Fiquei desesperado", afirmou o eletricitista aposentado. A tia Isaura trabalhou 35 anos como tecelã na antiga Fábrica de Tecidos São Braz (Fatbraz),

da qual sobrou apenas um prédio em ruínas, alvo hoje de prostituição e usuários de drogas. Josmar conta que a tia, aposentada com um salário mínimo, pagou à família Ca-

Pela lei, usucapião é a posse por um tempo do bem contínua e pacificamente

tharino, até 1996, a mensalidade de R\$ 50.

Depois resolveu brigar pela posse do imóvel. "A União Fabril fez duas propostas, de R\$ 10 mil e R\$ 11 mil, mas ela não tinha condições de pagar", contou. Josmar permanece na casa, porque a ação de despejo foi suspensa em função de o juiz, após provocação de advogado, ter tomado conhecimento das ações coletivas de usucapião.

Ações

As ações de despejo são a evidência de que a Justiça reconhece a propriedade da União Fabril, aponta Paulo Cathari-

no, outro dirigente e proprietário da União Fabril.

Mas alguns moradores, como Josmar, acusam a família Catharino de ter invadido a região. "São grileiros", afirmou o eletricitista. O advogado José Amando disse que a União fez contratos irregulares para burlar a falta de cobrança das taxas por um longo período. Por isso, o pedido de usucapião especial, quando há a propriedade, sem oposição (pacificamente), por cinco anos ininterruptos, de área urbana de até 250 m².

"Eles não têm todos os contratos de aluguel. Cobram aleatoriamente", disse.

Moradores mantêm casas que formavam a vila operária

As casas de adobe da Rua Úrsula Catharino, que deram forma à vila operária em 1860, nascedouro do bairro de Plataforma, sofreram reformas e foram ampliadas. A residência nº 32, de Eulina Freitas da Silva, 66 anos, hoje conta com cerâmicas nas paredes e piso no lugar dos antigos tijolos.

Eulina investiu em melhorias desde que o marido, Raimundo Alves da Silva, comprou o imóvel há 19 anos na mão da União Fabril. Ela mostra que não vai abrir mão do imóvel, onde mora há 41 anos. Segundo Eulina, no final do ano passado, ela recebeu uma carta da empresa convocando-o para negociar dívidas. "Eles não sabiam de quem era a casa. Estavam atirando no escuro. Não respondi, fiquei na minha, porque tenho a escritura", disse.

Venda

O caso da costureira Zildemira Mata da Silva, 49 anos, é diferente. No mês passado, ela foi convocada pela companhia. "Falaram que, caso eu não pagasse os oito meses de aluguel (de R\$ 142) atrasados, iria ser despejada".

Inquilina há 22 anos da casa nº 43, Zildemira disse que chegou a perguntar sobre a possibilidade de comprar o imóvel na mão da empresa. "A secretária disse que as casas não estavam mais à venda".